

LEMBRANDO STUART HALL

*Dennis Dworkin*¹

*Tradução: Gabriel Alves Damaceno*²

*Revisão: Célia Rocha Calvo*³

Stuart Hall está entre os principais intelectuais britânicos do período pós-Guerra. Por conseguinte, quando ele morreu em fevereiro de 2014, sua vida, trabalho e sua atitude política foram examinados em numerosos obituários, memoriais e tributos. Ele estava entre os fundadores da Nova Esquerda e foi crucial para a criação e formação dos estudos culturais contemporâneos. Desempenhou um papel crítico na formação de nossas ideias sobre multiculturalismo, identidade e representação. Fez importantes contribuições para as políticas antirracistas, foi influente no desenvolvimento do cinema e da fotografia britânica negra e desempenhou um papel fundamental na sua promoção. Suas influentes leituras do Thatcherismo, do Novo Trabalhismo e do neoliberalismo estiveram no centro dos debates da esquerda na Grã-Bretanha e além. Em um mundo no qual os intelectuais se tornaram especialistas que cada vez mais escrevem para estudantes e colegas especialistas ligados à academia, ele envolveu diversas audiências. Ele foi um intelectual público que estava igualmente à vontade em uma sala de seminários ou em um palanque político.

Stuart é mais do que um objeto de interesse intelectual e político para mim. Como para tantos outros, ele era um amigo, um mentor, um colega e um aliado político. Sua vida e trabalho foram uma inspiração. Tinha um jeito extraordinário de me

¹ Professor no Departamento de História da Universidade de Nevada, EUA.

² Graduando do curso de História (INHIS/UFU).

³ Professora do Instituto de História (UFU), coordenadora do NUPEHCIT.

ajudar e de ajudar os outros a sentir como se o que estávamos fazendo importasse. Em seu memorial em Londres, realizado em novembro de 2014, a perda que senti estava espelhada na experiência de centenas de outros que lá participaram. Stuart tocou a vida de tantas pessoas; seus interesses e projetos eram tão variados. Um enorme espaço vazio foi criado pela sua morte.

Este ensaio é parte de um processo de chegar a um acordo com a morte de Stuart – pessoalmente, politicamente e intelectualmente. Faço isso de várias maneiras. Primeiro, eu me lembro de uma experiência que compartilhamos juntos que está entre as mais memoráveis da minha vida. Em segundo lugar, exploro algumas das profundas conexões de Stuart com a Grã-Bretanha, política e intelectualmente. Aqui, eu exploro a conexão de Stuart com a Nova Esquerda britânica do final da década de 1950 e seu papel pioneiro no início dos estudos culturais no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham⁴. Discuto também mais concretamente seu entendimento da Grã-Bretanha do pós-guerra, que foi sua casa toda a vida, exceto por vinte anos. Grande parte de seu trabalho político e intelectual foi produzido dentro de um contexto “especificamente” britânico. A maioria de suas intervenções políticas mais proeminentes estava dentro de uma arena especificamente britânica. Ao longo do texto, farei referência a seus contínuos esforços para derrubar oposições binárias na política e na teoria; às suas tentativas de fundir opostos para criar uma nova síntese; às suas apostas para encontrar a posição intermediária. Eu sugiro que não há uma posição política e teórica “essencial” em Stuart Hall dadas as diferentes expressões ao longo de sua vida. Há uma forma distinta evoluindo em seu pensamento que conecta os vários enredos. Ele continuamente tentou encontrar uma “terceira via”. Finalmente, ao discutir a vida e o trabalho de Stuart, quero dizer algumas coisas sobre o documentário de John Akromfah sobre a vida de Stuart – *The Stuart Hall Project* – que (no momento em que escrevo) está disponível no *YouTube*. Quero reiterar alguns

⁴ Doravante, apenas Centro.

de seus temas, bem como chamar a atenção para o que não se dá tanta importância.

Conheci Stuart em 1983, quando eu era um estudante de pós-graduação. Foi em um instituto de cursos rápidos seguido por uma conferência de quatro dias realizada na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign (EUA). Chamava-se *Marxismo e a interpretação da cultura*. Na época, eu estava escrevendo uma dissertação sobre a Nova Esquerda britânica, que acabou se tornando o meu livro *Cultural Marxism in postwar Britain* (DWORKIN, 1997). Conhecia, principalmente, o papel crítico de Stuart no início da Nova Esquerda britânica e pouco do que ele havia feito depois do *The popular arts* (1964), um guia pioneiro para professores na Grã-Bretanha que queriam incorporar a cultura popular, especialmente o cinema, em seus cursos. Não parece extraordinário hoje, mas naquele tempo era território inexplorado.

Em Champaign, Stuart apresentou uma versão das palestras teóricas que ele havia feito no Centro. Recentemente, eu revisei uma versão editada delas em forma de manuscrito para a editora Duke University Press. Apesar de as palestras terem sido ministradas há mais de trinta anos atrás, ainda produzem faíscas. Para mim, pessoalmente, lê-las incita minhas memórias. A experiência de ouvir Stuart palestrar foi transformadora. Eu praticamente nunca mais vi “teoria” do mesmo jeito desde então. Como estudante de pós-graduação, eu estava atolado nos debates sobre estruturalismo e humanismo provocados pela *Miséria da teoria* (1978) do historiador E. P. Thompson, um texto que eu originalmente, como muitos historiadores, reverenciava. Stuart, ele mesmo influenciado por Thompson, tinha desenvolvido um estilo de engajamento intelectual que parecia (para mim) mais apropriado para lidar com as tumultuosas últimas décadas do século XX. Stuart defendia ir além das oposições binárias. Ao invés de ver termos como “experiência” e “ideologia” ou “estrutura” e “agência” em posições opostas, ele procurou fundilos e assim criar uma nova síntese, uma “terceira via” ou posição “intermediária” que em seu caso foi fundamentado no pensamento do militante comunista italiano Antonio Gramsci.

No início de 1986, Stuart me pediu para ser o fotógrafo em sua próxima entrevista com Jessie Jackson para o jornal comunista britânico *Marxism Today*. Não é assim tão inacreditável quanto parece, mas eu cresci em um negócio de câmeras de propriedade da minha família e tenho tirado fotos desde os doze anos de idade. Stuart veio para Chicago vindo de Londres, e Leslie Roman – uma estudante de doutorado em Educação na Universidade de Wisconsin, a quem havia conhecido por meio de Stuart quando ele era um professor visitante lá – se juntou a nós. Conduzidos para a casa de Jackson em South Shore por um de seus assessores, esperamos o que pareceram horas, enquanto Jackson, buscando a indicação presidencial pelo Partido Democrata, deu muitas entrevistas antes de nos ver. Quando finalmente aconteceu, senti-me profundamente privilegiado por testemunhar uma conversa entre duas das figuras mais importantes do Atlântico negro do final do século XX. Enquanto a entrevista acontecia, uma ligação tranquila e relaxada se desenvolveu entre os dois. Mas também nunca esquecerei o fato de Jackson eriçar-se com a sugestão de Stuart de que sua crítica da política americana era anticapitalista, um código que ambos sabiam significar ser marxista. Jackson, que até este ponto estava relaxado na cadeira com sua gravata afrouxada, sentou-se retamente, endireitou a gravata e dirigiu-se a Stuart como Dr. Hall: “Bem, eu não sou suficientemente sofisticado para entender todos os rótulos que você criou. Eu apenas tento fazer uso do processo de raciocínio natural”⁵.

Parte da razão pela qual Jackson estava na cidade devia-se à iminente visita a Chicago do bispo Desmond Tutu, da África do Sul, um dos líderes mais importantes do movimento anti-apartheid. No dia seguinte à entrevista, Tutu estava falando em vários locais, inclusive no meu próprio quintal, na Universidade de Chicago. O pessoal do Jackson recomendou que o ouvíssemos na American Liberty Baptist Church⁶, localizada no coração da comunidade

⁵ JESSIE Jackson, Stuart Hall interviews America’s leading politician. *Marxism Today*, Mar. 1986, p. 11.

⁶ N. T.: Igreja Batista da Liberdade Americana.

afro-americana da zona sul de Chicago. A igreja havia sido um local crucial para a campanha dos direitos civis do Reverendo Martin Luther King em Chicago, e quando ele falou lá estava lotado. Foi também na American Liberty Baptist Church que o movimento pelos direitos civis experimentou a divisão, enquanto militantes mais jovens atacavam Martin Luther King pelo que viam como seu conservadorismo⁷.

O clima dentro da igreja era elétrico. Um repórter do *The Defender*, o jornal negro de Chicago, escreveu: Diferentemente das visitas anteriores de Tutu, quando as multidões eram entusiasmadas, mas relativamente tranquilas, as pessoas da American Liberty Baptist Church mostraram orgulhosamente sua alegria em receber esse pequeno em estatura, mas dinâmico indivíduo⁸.

O lugar explodiu com gritos de louvor e cantos gospel quando Tutu, vestido com robes brancos, apareceu e declarou: “Nós não estamos esperando o pão do homem branco! Apartheid e Cristianismo são totalmente incompatíveis”. Stuart, Leslie e eu chegamos relativamente atrasados, cerca de trinta minutos antes do início do evento. Por acaso, ao invés de ficarmos espremidos na parte de trás da igreja, como esperávamos, fomos levados para a primeira fila onde assentos estavam sendo posicionados. À minha esquerda estavam Stuart e Leslie; à minha direita estava Harold Washington, o primeiro prefeito negro de Chicago, que tinha apresentado Tutu. É difícil transmitir a emoção que senti. Várias histórias da diáspora negra convergiam: Estados Unidos, Caribe, Grã-Bretanha e África do Sul; Chicago, Kingston, Londres e Cidade do Cabo. Eu não testemunhei isso, mas Leslie lembra

⁷ BECKER, Lynn. *Modern struggles, modern design*. Dr. King and the story of Liberty Baptist Church. Disponível em: <http://lynnbecker.com/repeat/libertybaptist/dr_king_and_liberty_baptist_church_in_chicago.htm>.

⁸ CROCKETT. *The Chicago Defender*, 25 Jan. 1986. Estou em débito por esta referência, bem como seu relato de nossa experiência com Stuart e Leslie Roman. Cf.: ROMAN, Leslie. Making and moving publics: Stuart Hall's projects, maximal selves and education. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, v. 36, n. 2, p. 220-226, 2015.

que quando ela olhou para Stuart ele estava enxugando lágrimas dos seus olhos.

Stuart Hall fez grandes contribuições para a nossa compreensão do complexo e inacabado processo de identidade. Parte desse empreendimento teórico envolveu sua própria narrativa, que é o fio condutor do *The Stuart Hall Project*. De uma origem variada – africana, indiana, portuguesa e judia –, ele nasceu e foi criado na Jamaica colonial em uma família com aspirações inglesas. Veio para a Grã-Bretanha em 1951 com uma bolsa de estudo Rhodes para Oxford. Terminou, como descreveu, como “intermediário”:

Tendo sido preparado pela educação colonial”, lembrou ele, “eu conhecia a Inglaterra por dentro. Mas eu não sou e nunca serei ‘inglês’. Eu conheço ambos os lugares intimamente (Inglaterra e Jamaica), mas não sou totalmente de nenhum desses lugares.⁹

No filme, Hall reflete sobre seu amor pelo *jazz*, em geral, e pelo trompetista Miles Davis, em particular. Ele nos diz que o *jazz* foi a primeira música que lhe tocou. Vinha daqueles que viviam à margem. Davis era particularmente importante para ele por causa da tristeza, que era um elemento tão crucial de seu som e porque para Hall sugeria estradas não tomadas, que em sua própria vida ele estava profundamente ciente.

Não quero me aprofundar na relação entre Hall e Davis, mas acho que é algo sobre o qual vale à pena pensar. Assim como Miles Davis se influenciou por músicos como Charlie Parker, mas levou a música em novas direções, Hall era muito grato ao marxismo cultural britânico de Thompson e do erudito literário Raymond Williams, acabando por desenvolver sua própria posição teórica característica. Tanto Davis como Hall estavam continuamente

⁹ CHEN, Kuan-Hsing. The formation of a diasporic intellectual: an interview with Stuart Hall. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (Eds.) *Stuart Hall: critical dialogues in cultural studies*. London; New York: Routledge, 1996. p. 484-503. Ver: p. 490.

respondendo ao que Hall chamaria de “novas conjunturas”, e, para ambos, o final dos anos 1950 e o final dos anos 1960 resultaram em grandes transformações em suas abordagens. Ambos também eram extraordinariamente ecléticos nas fontes que os influenciavam. Davis era influenciado por *bebop*, *blues*, *rock* e música popular de todos os tipos. Marxismo, estruturalismo e pós-estruturalismo, psicanálise, interacionismo social e a crítica literária inglesa influenciaram Hall. Eles também eram professores notáveis, responsáveis por desempenhar papéis fundamentais no lançamento das carreiras dos outros. As bandas de Davis foram incubadoras de jovens músicos inovadores – especialmente Herbie Hancock, Wayne Shorter e Tony Williams. A influência de Hall sobre aqueles que foram seus alunos na Universidade de Birmingham era de igual importância: Lawrence Grossberg, Paul Willis, Angela McRobbie e Paul Gilroy têm sido fundamentais para o desenvolvimento dos estudos culturais. Davis, como Hall, estava em uma posição intermediária. A música de Davis e a prática teórica e política de Hall resistem à categorização. Ambos estavam envolvidos no que Hall descreveu como um processo contínuo de formação da identidade. Hall foi um dos fundadores da Nova Esquerda britânica, uma “terceira via” entre o comunismo e a social-democracia. Praticamente ao mesmo tempo, Davis colaborou com o arranjador Gil Evans na música que misturou o *jazz* e a tradição clássica europeia, rotulada pelos críticos de *jazz* como “terceira corrente”.

O jornal liberal *The Guardian* uma vez se referiu a Hall como o padrinho do multiculturalismo, mas, certamente, igualmente importante foi a sua participação e contribuição para a formação da Nova Esquerda britânica. Pensei nas muitas conversas que Stuart e eu tivemos sobre a política socialista na Grã-Bretanha quando soube que ele havia escolhido ser enterrado no cemitério de Highgate, o último lugar de descanso do imigrante radical mais importante de Londres: Karl Marx. Ele está enterrado em um monte próximo (embora adequadamente à alguma distância) de Marx e de outros revolucionários socialistas e comunistas, vários de famílias imigrantes ou eles próprios imigrantes. Uma rápida

pesquisa inclui a comunista trinitária-tobagense Claudia Jones e aliados políticos de origem judaica de longa data de Stuart – Eric Hobsbawm, Ralph Miliband e Raphael Samuel. Em mais de uma ocasião, Stuart me disse que o período da Nova Esquerda foi o melhor momento de sua vida, o momento em que a teoria e prática se uniram. Ele também ficou devastado por seu eventual fracasso.

A “novidade” sobre a Nova Esquerda dos anos 1950 era que se definia como uma alternativa à política “de cima para baixo” e antiquada dos partidos Trabalhista e Comunista. Desenvolveu-se a partir dos acontecimentos de 1956: a participação da Grã-Bretanha na ocupação do Canal de Suez (que reafirmou a existência do imperialismo britânico) e a crise no mundo comunista iniciada pelo discurso de Khrushchev condenando Stalin e resultando na ascensão e queda do comunismo dissonante na Hungria. Dentro desta “terceira via” da Nova Esquerda, Hall construiu sua própria “terceira via” como um dos quatro editores da *Universities and Left Review*. Ele compartilhou com o grupo do *Reasoner*, de E. P. Thompson e do historiador do trabalho John Saville, o objetivo de construir um movimento democrático de baixo para cima, de participar na Campanha para o Desarmamento Nuclear (CDN) e de se comprometer com o “socialismo a todo vapor”. No entanto, ele não era nem da mesma geração nem compartilhava suas raízes comunistas. Estava mais disposto a enfrentar transformações no terreno social, cultural e político do que aqueles no grupo do *Reasoner*, e a investigar suas consequências para o futuro do movimento operário e do socialismo. A diferença entre os dois grupos é ilustrada no ensaio de Hall de 1958, *A sense of classlessness*, e a subsequente refutação de Thompson, em *Commitments and politics*. Hall argumentou que os socialistas devem confrontar o fato de que a “riqueza”, tanto como fenômeno econômico quanto ideológico, estava transformando a experiência da classe trabalhadora em vários estilos de vida. Thompson insistiu que tais transformações tinham de ser vistas dentro de uma perspectiva de tempo mais longa na história das lutas de classes e insurgências trabalhistas. O ensaio de Thompson sempre me pareceu como um professor de escola dominical ensinando a

um aluno errante mas promissor. Como um jamaicano negro, Hall recorda de ter uma ligação complicada com o movimento trabalhista britânico e contrasta isso com Thompson, que era parte de sua identidade inglesa. Lendo o ensaio depois de muitos anos, agora me parece que Thompson estava em certa medida lembrando Hall dos limites de seu status de “forasteiro”¹⁰. Hall não precisava de nenhuma lembrança dessa.

A política de Hall também pode ser contrastada com o grupo mais jovem de socialistas de Oxford, como Perry Anderson e Robin Blackburn, que se reuniram em torno da revista *New University*, e por fim transformaram a *New Left Review* na forma em que ela existe hoje. Em contraste com a *New Left Review* original – que propiciava um ponto focal para novos clubes de esquerda e para a CDN, publicava críticas culturais e literárias e participava de debates políticos –, a *New Left Review* sob Anderson aspirou criar uma intelectualidade marxista nativa modelada de acordo com o que existia na França. Hall abraçou a expansão do repertório teórico promovido pela renovada *New Left Review*, mas sentia pouca ou nenhuma afinidade com seu romantismo de estilo do terceiro mundo, seu trotskismo emergente, sua relativa indiferença com a política britânica e o estilo elitista.

A posição “intermediária” de Hall na Nova Esquerda proporcionou um importante incentivo para os estudos culturais no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham, que fora fundado em 1964. Foi ideia do estudioso literário Richard Hoggart, que havia sido contratado como professor de Inglês em Birmingham em 1963 e fez do Centro uma das condições de sua contratação. O vice-reitor consentiu, mas não destinou qualquer financiamento para ele. Assim, o Centro, em seus primeiros anos, teve que encontrar financiamento externo, a fim de sobreviver, incluindo o salário de Hall, contratado como pesquisador. A fusão eclética do Centro de sensibilidade literária e análise sociológica em seus primeiros anos foi construída sobre os esforços anteriores, mais jornalísticos e menos acadêmicos, encontrados

¹⁰ Ibid.

na *Universities and Left Review* e nos dois primeiros anos da *New Left Review*, em parte porque Hall fora um dos editores da primeira e o único editor da última. Sua inspiração foi o texto clássico de Hoggart, *The uses of literacy* (1957), que usava o método da crítica literária para “ler” a vida da classe trabalhadora no entre guerras.

A base intelectual do Centro foi a crítica literária inglesa. A ideia original era usar os mesmos métodos críticos literários usados para analisar Shakespeare ou Jane Austen na análise da música *pop*, do cinema, rádio, jornais diários e da cultura da classe trabalhadora. Inicialmente, o Centro viu a sua metodologia “em cooperação com outras disciplinas relevantes” ajudando a “colocar os fenômenos das comunicações de massa em um contexto social e histórico mais amplo do que qualquer um de nós conseguiu trabalhando sozinho até agora. Não é um substituto para a análise científica social, mas um acessório útil, essencial”¹¹. Na prática, situar os textos culturais em um contexto mais amplo exigia uma compreensão teórica da cultura e da sociedade além do escopo da crítica literária, o que os pesquisadores do Centro logo perceberam que ou não existiam ou existiam em uma forma de valor limitado. Dada a inadequação de encontrar uma base teórica existente, o Centro foi levado a produzir sua própria teoria social e cultural. Não de uma forma sistemática, pois não havia realmente um caminho claro à frente, mas explorando tradições teóricas de vários tipos. O trabalho mais influente do Centro, produzido durante a década de 1970, baseou-se na tradição cultural marxista de Thompson e Raymond Williams, no marxismo ocidental de Antonio Gramsci e Louis Althusser e em múltiplas vertentes do feminismo e da teoria crítica da raça. Ainda, quando o Centro foi fundado em 1964, estes desenvolvimentos posteriores não foram de modo algum pré-ordenados. Em uma entrevista de 2011, Hall descreveu este período como um tempo de “criação”: “Qualquer coisa que alguém pensasse que pudesse

¹¹ HOGGART, Richard. Literature and society. In: _____. *Speaking to each other*. London: Chatto & Windus, 1970. v. II, p. 34.

ser relevante para criar os estudos culturais, porque é isso que estávamos fazendo. Criando. Criando-o semana a semana”¹².

A Grã-Bretanha não estava de modo algum na vanguarda da explosão política e cultural associada ao “1968”, mas essa mistura notável de política estudantil antissistema, subculturas juvenis, sectarismo revolucionário e experimentação com estilos de vida alternativos também estavam presentes. Como tantas outras universidades, a Universidade de Birmingham experimentou sublevações. Um movimento estudantil exigindo maior participação dos estudantes no funcionamento da universidade eclodiu em novembro de 1968, quando os estudantes começaram ocupando a antessala e o escritório do vice-reitor, estenderam a ocupação a muitos outros escritórios administrativos, acabando por assumir o Grande Salão. Ao todo, a ocupação durou sete dias. Os professores e alunos do Centro estavam à frente do protesto. Hall editara um número da revista estudantil *Mermaid* sobre a experiência dos estudantes em Birmingham, vários meses antes do protesto. Paul Willis, que acabara de entrar no programa de doutorado, lembrou que Hall se dirigiu às ocupações “não como uma figura professoral, mas como uma figura revolucionária e radical falando às massas de estudantes”¹³.

Um folheto que circulava durante os protestos estudantis exigia uma “universidade livre”: a abolição das avaliações, a democratização das relações entre estudantes e professores, o fim das barreiras artificiais entre disciplinas, contínua autocrítica e a criação de um currículo baseado em “necessidades sentidas”¹⁴. Com muito poucas mudanças, é como descreve o Centro nos anos imediatamente após os protestos. As mudanças originaram-se como resultado dos desenvolvimentos internos e

¹² HALL, Stuart. Stuart Hall Interview, 2 June 2011. *Cultural Studies*, v. 27, n. 5, p. 757-777, 2013. Ver p. 763.

¹³ PAWLING, Christopher; BRUNT, Rosalind. Christopher Pawling and Rosalind Brunt Interview – 6 June 2011. *Cultural Studies*, v. 27, n. 5, p. 699-728, 2013. Ver p. 701.

¹⁴ IVES. *The events of 1968*. p. 362-363.

das interconexões com um ambiente intelectual e político mais amplo. O mais importante foi a saída de Hoggart como diretor para assumir uma vaga na UNESCO em Paris, primeiramente através de uma licença e, em seguida, permanentemente. Havia muitas razões para sua saída: entre elas, destacava-se a difícil posição em que se encontrava como diretor do Centro e como professor de Inglês durante as manifestações de 1968. Embora fosse hábil em navegar as vicissitudes da política universitária, durante os protestos estudantis ele sentiu a pressão, às vezes hostil, da mediação entre os alunos do Centro, que muitas vezes eram participantes nos protestos, e a administração. Hall, que o sucedeu como diretor interino, e depois foi efetivado, era explicitamente radical, entusiasmado com a mudança cultural na política, dedicado à democratização das estruturas do Centro e menos comprometido com o tipo de politicagem universitária em que Hoggart prosperava. O período de transição não representou uma ruptura total com o passado, já que Hoggart não renunciou à diretoria imediatamente e a democratização do Centro já estava ocorrendo enquanto ele estava lá. De acordo com Rosalind Brunt, uma estudante de pós-graduação no meio dessas mudanças, lá emergiram os “quatro pequenos” (Brunt, Chas Critcher, Richard Dyer e Trevor Millum), estudantes que apresentaram propostas aos “quatro grandes” (Hoggart, Hall, Allen Shuttleworth e Andy Bear). “Era uma espécie de brincadeira”, lembrou ela, “mas também é indicativo de algumas insinuações democráticas que surgiam no Centro – que, apesar de seu nome, certamente não se iniciou como algum tipo de empreendimento coletivo”¹⁵.

A visão de Hall para o Centro está contida em rascuinhos nunca destinados ao consumo externo, apresentados em reuniões semanais de alunos e professores, sobretudo no apropriadamente intitulado *The missed moment*¹⁶, originalmente apresentado como uma palestra, posteriormente circulou

¹⁵ PAWLING, Christopher; BRUNT, Rosalind. Christopher Pawling and Rosalind Brunt Interview – 6 June 2011. Op. cit.

¹⁶ N.T.: Em tradução livre, *O momento perdido*.

de forma escrita. Hall imaginava o Centro diferentemente, como uma “base avançada”, uma espécie de enclave utópico e, talvez, até como uma “célula vermelha”. No espírito da “terceira via” da Nova Esquerda original, ele imaginava que o Centro não era nem um centro de pesquisa tradicional nem um agrupamento político autossuficiente, mas um espaço intermediário. Organizacionalmente, Hall antecipou um “coletivo firme”, evoluindo por meio da democratização, solidariedade, responsabilidade coletiva e autocrítica. Intelectualmente, ele imaginava “a produção de um trabalho de alta qualidade e original, feito a partir de um sustentável ponto de vista radical, fora das estruturas dominantes, com valores e modos de trabalho atuais e prevalecente no ambiente acadêmico que os rodeava”¹⁷.

Em uma entrevista de 2013, Hall sugeriu que a transição de um coletivo “mais firme” para um coletivo “mais solto” no Centro foi uma consequência do número crescente de estudantes que chegavam ao Centro, mas *The missed moment* conta uma história diferente¹⁸. Na época, Hall estava profundamente desencantado diante do fracasso do “coletivo firme”. Reafirmou seu compromisso com o Centro, mas, pela primeira vez desde que trabalhou lá, “sentiu a experiência como uma perda, como uma ausência, com ressentimento e infelicidade”¹⁹. A compreensão de Hall sobre o que deu errado é difícil de resumir, mas duas linhas de argumentação podem ser sugeridas. Primeiramente, atribuiu o erro como resultado do poder continuado das estruturas antigas, da falta de debate aberto, da ausência de responsabilidade coletiva, do caráter essencialmente “não-político” e falta de sofisticação política do Centro como um grupo. O Centro enfrentou não “um dilema comum, mas um conjunto de hostilidades agressivas em série. Sua consequência direta é o disseminado mau sentimento e má fé que marcaram nossos intercâmbios ao longo do ano”.²⁰ Em

¹⁷ HALL, Stuart. *The missed moment*. [S.l.: s.n.], 1971. p. 9.

¹⁸ Stuart Hall, interviewed by Kieran Connell, 14 Sept.2013.

¹⁹ HALL, Stuart. *The missed moment*. Op. cit. p. 16.

²⁰ Ibid.

segundo lugar, acreditava que um grande problema não resolvido tinha sido o seu papel dual como uma figura de autoridade e como um participante, o que descreveu como o clássico “duplo vínculo”. Como Hall afirmou: “O silêncio pareceu ser tão ofensivo quanto o discurso. Eu não estou fazendo uma queixa pessoal aqui – embora eu não consiga disfarçar o quão miserável e humilhante essa experiência foi muitas vezes para mim”²¹.

Hoje, *The missed moment* lê-se como um manuscrito antigo. Dentro do mundo da universidade neoliberal, é difícil imaginar tal empreendimento sendo possível. Nem harmoniza com a imagem do *The Guardian*, de Hall como o “padrinho do multiculturalismo”, uma espécie de figura paterna tranquilizadora e gentil que encoraja as gerações seguintes a se comprometerem com uma política de inclusão das diferenças. Em vez disso, fala com a época em que foi concebido, com os estudantes notáveis que participaram do Centro, com os compromissos radicais de Hall, e com alguns sonhos em geral. Agora, parece notável que Hall imaginou que um grupo de pesquisadores de pós-graduação em seus vinte e poucos anos poderia sustentar sua noção de um coletivo revolucionário, mesmo que não fosse especificamente um partido. Olhando para 1968 vinte anos depois, Hall (escrevendo com Martin Jacques) caracterizou a versão britânica como a radicalização mais importante da sua juventude que já tinha ocorrido, mas que era “cultural” e não “política”. “Foi”, em suas palavras, “através da cultura que o radicalismo político foi gerado e expresso. 1968 foi o nascimento da ideia de política cultural como central para qualquer estratégia hegemônica”²². A concepção do Centro de Hall nestes anos representou sua peculiar ação sobre o que o momento oferecia, uma terceira via entre um partido político e um centro de pesquisa tradicional.

Enquanto a ideia de um coletivo firme era abandonada, sua ressonância era enorme. O seminário de teoria geral e os grupos de trabalho – modelo de trabalho intelectual pelo qual o

²¹ Ibid., p. 15.

²² HALL, Stuart; JACQUES, Martin. 1968. *Marxism Today*, May 1988, p. 27.

Centro é mais conhecido – parecem ter surgido mais como um compromisso do que como uma ambição inicial. Eles estavam em algum lugar entre o enclave utópico imaginado e as realidades do pluralismo político e das necessidades profissionais. Hall concluiu *The missed moment* com a seguinte observação:

Nossa incapacidade de compreender a oportunidade de explorar o território disputado fora das rotinas dadas de nossa vida intelectual normal representa algo mais do que um fracasso pessoal. É uma espécie de retrocesso coletivo: e tais derrotas têm mais do que consequências pessoais e significados. A História tende, retrospectivamente, a ser dura com eles.²³

Ironicamente, foi exatamente o oposto. O que se seguiu foi o início do período intelectual mais produtivo do Centro. Em vez de a História ser dura com eles, o Centro tem sido reconhecido mundialmente pelo seu papel em colocar os estudos culturais no mapa.

A política de “terceira via” de Hall também forneceu a base para numerosas intervenções na política britânica. Após o colapso da Nova Esquerda original, ela começa no praticamente esquecido *People and Politics* (1966) e no mais conhecido *May Day Manifesto* (1967). Desenvolveu-se ainda mais no trabalho mais acadêmico dos anos de Birmingham, *Resistance through Ritual* (1974) e *Policing the Crisis* (1978), onde adquiriu um explícito vocabulário marxista. Foi ampliada nas análises do Thatcherismo, dos Novos Tempos, do Novo Trabalho e do neoliberalismo. A intervenção política final de Hall foi sua colaboração com Doreen Massey, seu cunhado Michael Rustin e outros no *on-line* Manifesto de Kilburn, o último capítulo acabou de ser lançado este ano. Muitos desses livros e ensaios resultaram de autoria colaborativa que, de certa forma, torna o autor um fetiche, tomando essas obras como exclusivas de Hall. Ele dedicou sua vida política e intelectual para fazer conexões e estabelecer laços com os outros. O objetivo era

²³ HALL, Stuart. *The missed moment*. Op. cit. p. 16.

construir um movimento, e a autoria coletiva corporificava valores que o movimento se esforçava para promover. É, no entanto, difícil ler esses textos sem ver o carimbo de seu pensamento.

Hall não era um historiador, e ele era o primeiro a admitir isso, mas tomadas em seu conjunto, essas numerosas obras, e outras conectadas a elas, englobam uma história da Grã-Bretanha do pós-guerra, escrita com o propósito de não apenas compreender a formação social, cultural e política britânica, mas transformá-la. Por conseguinte, elas não constituem uma análise histórica, como muitos historiadores a entendiam. O que Hall exprimia sobre a sua análise do Thatcherismo na introdução de *The Hard Road to Renewal: Thatcherism and the Crisis of the Left* (1988) é pertinente para seu entendimento da Grã-Bretanha do pós-guerra de forma mais geral. Os ensaios foram concebidos “como uma série de intervenções” e, portanto, foram “necessariamente um pouco polêmicos”. Eles “foram projetados para serem de vanguarda em relação a outras posições no debate em curso”²⁴. Como seu herói Gramsci, Hall acreditava que a ideologia era uma força material. Suas muitas reflexões sobre conjunturas específicas eram forças materiais por direito próprio. Como ele declarou no *The Stuart Hall Project*, era a condição moderna para ver o que é familiar ser continuamente derrubado. Contudo, ao mesmo tempo, ele considerava o que era novo não como uma ruptura total com o passado, mas como uma reconfiguração de elementos novos e existentes. Isso foi aprofundado pelo fato de que as antigas metanarrativas, sejam elas liberais ou marxistas, que forneciam uma base para decifrar o significado da mudança, haviam dado lugar a um mundo pós-moderno contingente. Demandava um repensar contínuo.

A obra de Hall sobre a Grã-Bretanha diferenciava-se entre continuidades e novas tendências, tentando aprender com o apelo de opor atores políticos e ideologias (revisonismo trabalhista, Margaret Thatcher, Enoch Powell, neoliberalismo), recusando

²⁴ HALL, Stuart. *The hard road to renewal: Thatcherism and the crisis of the left*. London: Verso, 1988. p. 1.

oposições binárias (por exemplo, trabalhismo e comunismo ou marxismo ortodoxo e pós-estruturalismo) e procurando maneiras de ir além delas. Desde seus primeiros ensaios sobre a Grã-Bretanha, escritos no final da década de 1950, até o colaborativo Manifesto de Kilburn, sua análise foi enquadrada por meio do livre emprego da metáfora da base/superestrutura de Marx. Contudo, anos antes de seu encontro com Gramsci e sua adoção da terminologia de Gramsci, ele resistiu e se opôs ativamente à compreensão reducionista da relação entre economia, política e ideologia. Ele poderia ter acreditado que mudanças nas condições materiais se emprestavam a transformações nas formas de consciência, mas nunca assumiu que os resultados políticos estavam garantidos ou que as ideologias não desempenhavam um papel determinante nos resultados políticos. Foi no terreno das superestruturas – Hall argumentava, ecoando Gramsci – que as batalhas políticas foram conquistadas e perdidas, identidades políticas moldadas e remodeladas. O que mudou ao longo do tempo em seu pensamento foi uma visão mais complexa das múltiplas determinações em ação em qualquer momento. Como ele e seus colaboradores declararam no Manifesto de Kilburn:

As divisões de gênero, raciais, étnicas e sexuais em muito antecedem o nascimento do capitalismo e ainda estruturam as relações sociais de maneiras distintas. Elas possuem suas próprias categorias binárias (macho/fêmea, masculino/feminino, hétero/gay, religioso/secular, colonial/metropolitano, civilizado/bárbaro) e diferem de classe na distribuição de bens sociais e simbólicos (embora articulados à classe).²⁵

Hall via a Grã-Bretanha do pós-guerra como tendo experimentado duas fases, a segunda ainda inacabada. A primeira – começando nas consequências da guerra e dissipando-se em meados dos anos 1960 – foi um período de “consenso”. Foi uma

²⁵ Cf.: HALL, Stuart; MASSEY, Doreen; RUSTIN, Michael. *After Neoliberalism? The Kilburn Manifesto*. London: Lawrence and Wishart, 2015. p. 17-18.

era de capitalismo gerencial, de economia mista e do Estado de bem-estar social. O consenso do pós-guerra tornou-se possível pelo governo trabalhista de 1945, o qual ele considerava como tendo levado esse período a um fim ao invés de ter iniciado um novo. Esse período apenas começou nas décadas de 1950 e 1960, dadas as diferentes inflexões dos governos conservadores de Eden/Macmillan/Douglas-Home e o governo trabalhista de Wilson. A segunda fase iniciou-se com a captura da liderança do Partido Conservador por [Margareth] Thatcher e a transformação do campo ideológico por meio de modernização regressiva e populismo autoritário. Assim como Gramsci, confrontando a derrota do movimento operário e o triunfo do fascismo na década de 1920, Hall entrou em luta com o Thatcherismo numa prolongada guerra de diferentes posições. Ao longo dos anos, essa guerra assumiu diferentes formas. Quando, a seu ver, o Novo Trabalhismo sob Tony Blair também aceitou os pressupostos neoliberais que sustentavam o projeto de Thatcher, e não as lógicas políticas alternativas que ele e outros haviam defendido no *New Times*, ele voltou à arena política em um memorável ensaio de uma edição especial da *Marxism Today*. “O projeto de renovação”, escreveu ele, “permanece assim aproximadamente onde estava quando a *Marxism Today* publicou sua edição final. O Sr. Blair parece ter aprendido algumas letras mas, infelizmente, ele esqueceu a música”²⁶.

Entre essas duas fases estava uma crise econômica, social e política explorada no coletivo trabalho autoral feito em Birmingham. Em um nível, a crise era econômica – uma depressão na economia acompanhada de alto índice de desemprego e inflação – mas também resultou dos efeitos de longo prazo do declínio britânico. “Em termos econômicos”, Hall escreveu, “a Grã-Bretanha era uma nova potência capitalista pós-imperial de terceira classe, não de primeira classe”. Em outro nível, envolveu vários desafios para o Estado britânico: duas greves de mineiros,

²⁶ HALL, Stuart. The great moving nowhere show. *Marxism Today*, Nov./Dec. 1998, p. 14.

o nacionalismo escocês e galês, a crise política da Irlanda do Norte, as contraculturas, o feminismo e os conflitos raciais. A crise produziu, e foi em parte produzida por, formas virulentas de nacionalismo e racismo, motivadas pelo surgimento da nova direita. Seus efeitos no nível ideológico foram expressos através de medos e ansiedades sobre subculturas e negros da classe operária. Hall considerou essa mobilização ideológica em relação ao desmoronamento do consenso social-democrata que emergiu após a Segunda Guerra Mundial. Ele entendeu a situação em termos gramscianos, como uma crise de hegemonia.

A última vez que vi Stuart foi em março de 2012, pouco menos de dois anos antes de sua morte. Como eu o via a cada um ou dois anos, eu talvez notei as mudanças que ele sofreu mais do que aqueles que o viam o tempo todo. Fiquei impressionado com o quão diferente ele estava, por quanto o envelhecimento e a doença tinham cobrado seu preço. Ele parecia mais introspectivo, falava sobre sua infância e adolescência na Jamaica de forma fragmentada e estava muito mais pessimista sobre a situação política do que jamais me lembrava. Isso coincide com uma observação que ele faz no *The Stuart Hall Project*, onde ele diz perto do final do filme que se sente deslocado no tempo pela primeira vez em sua vida.

Fiquei assim animado quando, em junho de 2014, na conferência comemorativa do cinquentenário de nascimento do Centro, os momentos finais consistiram em um segmento do filme *Kapital* (2013), de Isaac Julian, no qual Stuart respondeu ao geógrafo marxista David Harvey, em 2012, no evento *Choreographing Capital*, realizado na Hayward Gallery. Harvey discutia a relevância de Marx na análise do capitalismo contemporâneo, na conversa com Julian e Paul Gilroy. O comentário de Stuart foi perto do final do evento. Ele aceitou a versão de Harvey do entendimento da dinâmica do capitalismo em *O Capital* de Marx e, de fato, os amplos parâmetros da análise de Marx, mas acrescentou que não explica fases particulares ou momentos específicos. Esses, sugeriu ele, só poderiam ser alcançados dominando múltiplas determinações. Em suas palavras:

Eu não quero multiplicar o argumento. Mas eu resumiria dizendo, hum, no final, eu não acho que seu revisionismo vá longe o suficiente. Não vai longe o suficiente. E, se não for longe o suficiente – isto não é apenas um problema lógico ou um problema explicativo – é um problema de compreensão política.²⁷

Por mais de sessenta anos, Stuart encorajou tantos a revisar nosso revisionismo, a ir além das oposições binárias, a lidar com “a disciplina da conjuntura” para pensar na terceira via. É dessa forma que sempre me lembrarei dele.

Recebido em abril de 2016. Aprovado em janeiro de 2017.

²⁷ HALL, Stuart. *Isaac Julien, David Harvey*. London: Hayward Gallery, 2012.